



SINDPD-DF

Filiado à CUT e à FENADADOS

> Publicação do Sindicato dos Trabalhadores de Empresas e Órgãos Públicos e Privados de Processamento de Dados, Serviços de Informática, Similares e Profissionais de Processamento de Dados do Distrito Federal.

> Projeto de Arte: Agência Repense

> Tiragem: 5.000 exemplares

CADERNO DE DEBATES SINDPD-DF

DESAFIOS DO MOVIMENTO SINDICAL

■ Apresentação do caderno

“O projeto que iniciamos no primeiro semestre desse ano começou a dar frutos. O nosso Caderno de Debates despertou o interesse de novos colaboradores. O companheiro Jacy Afonso, secretário nacional de Organização da CUT, decidiu compartilhar conosco os desafios do movimento sindical para enfrentar a absurda concentração de renda e discutir maneiras de romper com essa lógica suicida do poder econômico. Em continuidade ao projeto que iniciamos, apresentamos mais um Caderno de Debates – Desafios do movimento sindical. O tema traz novas perspectivas sobre um assunto tão latente no mundo atual e nos conclama a pensar sobre os desafios e as responsabilidades que temos em nossas mãos, todos os dias, quando assumimos a luta em prol do trabalhador”.

Djalma Ferreira | Presidente do SINDPD-DF

■ Apresentação do tema

“Como foi destacado no primeiro Caderno de Debates do SINDPD-DF – Novo conhecimento político: UM NOVO MUNDO É POSSÍVEL, as nossas lutas sindicais se tornaram mais difíceis, mesmo nas atuais circunstâncias, sem dúvida melhores para as forças populares do que aquelas enfrentadas nos anos quando a hegemonia neoliberal parecia invencível aqui no Brasil. Agora, o desafio do movimento sindical é construir um novo discurso a partir da realidade, que toque corações e mentes, conhecendo os sofrimentos e os sonhos para resgatar a esperança de viver em um mundo melhor. Esses desafios são os temas que Jacy Afonso aborda nesse texto claro e objetivo que compartilhamos com a nossa categoria de trabalhadores, com a perspectiva de trazer o debate para o nosso dia a dia e somar com aqueles que têm o poder nas mãos para mudar a realidade. São ideias novas, baseadas em experiência concreta, e que nos mostram como a organização sindical é um dos principais instrumentos para a formação da consciência de classe e transformação social.

Edson Simões | Secretário-geral SINDPD-DF

■ Desafios do movimento sindical

Jacy Afonso é secretário nacional de Organização da CUT

“É preciso enfrentar a absurda concentração de renda e romper a lógica suicida do poder econômico. É hora do movimento sindical assumir seu papel central para a justa distribuição de renda”.

“O movimento sindical deve construir um novo discurso a partir da realidade, precisa falar para corações e mentes, conhecer os sofrimentos e os sonhos e resgatar a esperança de viver em um mundo melhor.”

“Cabe ao movimento sindical a responsabilidade de organizar e mobilizar os trabalhadores contra qualquer ofensiva que vise flexibilizar e precarizar as relações de trabalho, em nome de avanços, através dos processos de negociação.”

A absurda concentração de renda contrasta com a igualmente absurda miséria que ainda existe no mundo e desafia a razão, pois coloca em risco a própria humanidade. Trata-se, aqui, de reconhecer a dinâmica suicida que os detentores do poder econômico impõem ao planeta. Se é inaceitável que 1% da população mundial imponha aos demais tal estado de opressão e exclusão, mais inaceitável é que os outros 99% se submetam a isso. Até quando?

Considerando que a consciência emana da experiência concreta, então, a organização sindical é um dos principais instrumentos para a formação da consciência de classe e transformação social. Para tanto, precisamos retomar alguns princípios básicos e desmistificar conceitos que estão sendo incorporados ao nosso próprio discurso, mas que merecem uma reflexão especial para evitarmos que se transformem no “canto da sereia”.

O princípio básico é que não existe geração de riqueza sem trabalho. A crise financeira internacional de 2008 é a prova mais contundente disso. O capital por si só não gera riqueza.

A desregulamentação do fluxo de capitais e a especulação financeira, que culminaram na crise, serviram apenas para concentrar ainda mais a riqueza mundial na medida em que os prejuízos foram transferidos para a classe trabalhadora. Entramos aqui em outro conceito fundamental, que é a divisão social em classes: a classe dominante, detentora do capital, e a classe trabalhadora, que gera riqueza e conhecimento com seu trabalho.

Embora as características de ambas tenham mudado ao longo do último século, em função do desenvolvimento dos meios de produção e de comunicação, a dinâmica da luta de classes está ainda no centro da organização econômica e social, e nunca foi tão atual quanto nesse período depois de 2008.

Por outro lado, nos defrontamos com conceitos novos que vêm sendo incorporados em nosso discurso, como diálogo social, trabalho decente e tripartismo, mas que precisam ser muito bem entendidos e contextualizados.

Tanto o diálogo social quanto a conquista do trabalho decente pressupõem atores fortes, em condições de igualdade em um processo de negociação, da mesma forma que o tripartismo só promove avanços quando o Estado (o terceiro componente, além do capital e do trabalho) assume seu papel na defesa do bem-estar social. É nesse contexto que a organização sindical assume um papel central.”

- **O seu primeiro desafio** é, a partir da realidade concreta e da experiência diária do trabalhador, reconstruir a consciência de classe. O trabalhador precisa se reconhecer como ator no processo social, agente na geração de riqueza, mas precisa se reconhecer também como sujeito alienado de seus direitos, expropriado da parte que lhe é devida nesse mesmo processo.

Os trabalhadores no Brasil e no mundo precisam se apropriar dessa consciência, no dia a dia, no seu local de trabalho, nas campanhas salariais, nos processos de negociação permanente.

Mas isso só será possível quando eles forem atores também da ação sindical. O primeiro desafio, então, é levar o sindicato para a vida do trabalhador, para o dia a dia no local de trabalho.

A construção das pautas e do processo de negociação deve ser dialogada com o trabalhador. Essa participação gera comprometimento e se constitui em uma etapa fundamental na formação da consciência de classe.

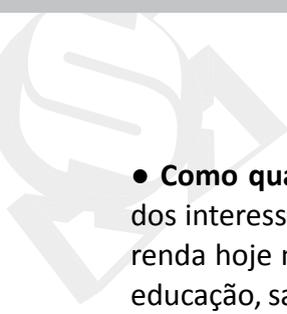
- **Como segundo desafio**, o movimento sindical deve construir um novo discurso a partir do conhecimento profundo da realidade da classe trabalhadora, precisa falar para os corações e as mentes dos trabalhadores e trabalhadoras, conhecer seus sofrimentos e seus sonhos e resgatar a esperança de viver em um mundo melhor.

Precisamos inverter a pauta que atualmente domina os interesses e o debate dentro dos nossos sindicatos, federações e confederação, que diz respeito às disputas internas e externas. Nossas entidades sindicais hoje consomem a maior parte de suas energias na manutenção da sua estrutura, nas eleições sindicais e nas brigas internas.

Precisamos nos consumir com o trabalho de base. O trabalhador deve confiar em seu sindicato e nos dirigentes que o representam, deve reconhecer em sua ação o poder do coletivo.

- **O terceiro desafio é buscar a unidade.**

Precisamos resgatar a solidariedade de classe e ter uma pauta mínima que unifique todos os trabalhadores e trabalhadoras. As nossas entidades sindicais devem colocar essa pauta de classe acima dos interesses corporativos. A fragmentação sindical que vemos hoje, para além da responsabilidade da nossa estrutura legal, é também responsabilidade nossa na medida em que colocamos os interesses corporativos acima dos interesses de classe, o que explica boa parte de nossas divisões internas e disputas de poder. Nesse sentido, devemos caminhar para processos de negociação em conjunto, que serão o primeiro passo para a construção de entidades de ramo e o fortalecimento dos processos de negociação coletiva.



- **Como quarto desafio**, destaco a luta por políticas públicas. Se cabe ao movimento sindical a defesa dos interesses da classe trabalhadora, precisamos considerar que uma das melhores formas de distribuir renda hoje no Brasil, e em muitos outros países no mundo, é avançar em políticas públicas nas áreas de educação, saúde, habitação, saneamento e proteção social. Tão importantes quanto o aumento de salário, a redução da jornada e o fim do assédio moral, é o acesso à educação e à saúde pública de qualidade, bem como viver em uma cidade sem violência e com transporte público eficiente.

Essas conquistas de cidadania são também um mecanismo poderoso de inclusão social. Cabe ao movimento sindical assumir a posição de frente nessas lutas também, ao lado de outras entidades da sociedade organizada.

- **O quinto desafio**, mas com certeza não o último, é impedir a flexibilização das relações de trabalho.

Nos últimos 10 anos, avançamos no processo de retomada do crescimento no Brasil, reduzimos a informalidade e o desemprego a taxas quase de pleno emprego e promovemos a inclusão social de mais de 40 milhões de brasileiros e de brasileiras. Por outro lado, a rotatividade nunca foi tão alta e o subemprego, com o avanço da terceirização, rebaixa os padrões de remuneração e de direitos da classe trabalhadora. Será que esse crescimento está resultando em desenvolvimento? O Brasil precisa avançar em direção a outro padrão de desenvolvimento que só será alcançado com a valorização do trabalho, o investimento em novas tecnologias e na qualificação profissional e com ampliação dos direitos do trabalhador brasileiro. Cabe ao movimento sindical a responsabilidade de organizar e mobilizar os trabalhadores contra qualquer ofensiva que vise flexibilizar e precarizar as relações de trabalho, em nome de avanços, através dos processos de negociação. Longe de ser moderno, o modelo atual de negociação coletiva que a classe dominante nos propõe é selvagem, destrutivo e tem por objetivo reduzir custos através da retirada de direitos.

É preciso enfrentar, sem concessões, a questão da distribuição de renda. Segundo o filósofo esloveno, Slavoj Zizek, o tempo para a chantagem liberal e moralista chegou ao fim, não há mais máscaras. O poder econômico se sustenta sobre uma lógica suicida e nos levará para o abismo se esse ciclo de concentração de renda não for encerrado, pois se sustenta sobre uma dinâmica de produção e de consumo que não leva em conta a sustentabilidade, apenas a acumulação da riqueza. Não existem bons moços como a construção de um Estado de bem-estar social nos fez crer. Diante da ameaça de distribuição da riqueza, todas as nossas conquistas nos são retiradas como se fossem uma concessão. Não existe autorregulação. A ideologia liberal prova seu fracasso diante de um planeta que pede socorro.

A Conferência do Trabalho Decente no Brasil, a primeira a ser realizada em todo o mundo, terminou com gosto de fracasso, com a bancada patronal se retirando da plenária final, demonstrando qual a real perspectiva de diálogo com os empresários no nosso país quando se trata de avançar em direitos para a classe trabalhadora.

Estamos vivendo no Brasil do futuro, que nossos pais e avós nos falaram. Essa é a oportunidade que tanto esperamos de construir um Brasil desenvolvido, com trabalho digno, educação e saúde para todos, com acesso à cultura e uma cidade sem violência.

Ninguém defenderá nossos interesses, senão o trabalhador organizado. Por fim, cito novamente Zizek: “Nós somos aqueles por quem estávamos esperando”.

Somos fortes, somos CUT.

Artigo publicado em 6/5/2013 em <http://www.brasil247.com>